

Texto do Prof. Ivair Coelho Lisboa Itagiba -Sub-Reitor para Assuntos Comunitários- UERJ publicado no Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira – IAB - Série Catálogo – A Pesquisa do Passado nº 2 referente à exposição “Arqueologia e Arte Pré-histórica na Região Sudeste” – realizada na Fazenda do Capão do Bispo - Setembro de 1987

Apresentação

Saber acadêmico e Pré-História? Universidade e Arqueologia? Como fazer conviver duas práticas que tem sido sistematicamente colocada em margens opostas? Aí está a verdadeira questão. Quem é o recordador das margens do saber legítimo ou não pela unção do universitário? Como de uma sopa pré-epistêmica constituem-se certos eixos que separam isso, daquilo ou que discriminam o científico do místico ou da superstição?

E é assim, pelo menos no Brasil, (e isso é uma característica nossa) com a Arqueologia onde este saber tem sido mantido, pela “burrizia” pátria, numa posição de empréstimo, de carona, de subalternidade em relação a outras teorias e técnicas das ditas ciências humanas. Uma vez na Antropologia. Outra vez na História. Aqui ou lá, a posição de subsidiária. Já ouvi até mesmo antropólogos de consideráveis produções dizerem que a arqueologia é coisa de quem cata ossinho e cola caquinho. Desenterrem o Barão de Itararé tinha mais humor. E é lógico, inteligência.

Essa posição hesitante de hóspede provisório da Universidade não nos impede, de mesmo em não sendo arqueólogo, reconhecermos as intransferíveis técnicas de interpretação e observação de eventos de que esta ciência é capaz. E mais: os resultados interpretativos fazem rever a tradição historiográfica brasileira já que permite partir e enxergar outros estratos de memória, como provocar outras perspectivas de avaliação e implicação dos acontecimentos. Como de um mundo pré-linguístico o homem, no entanto, soube dar a uma pedra, a uma árvore, a um animal, ao fogo ou às tempestades um lugar de signo, numa espécie de código natural? Como soube pela força de seus músculos e pela invenção de armas fazerem-se guerreiros? Como conviveram com o glacial ou tropical e como inventaram as moradas em círculos ou quase círculos? Como nossos tribais viram os invasores modernos? Invasores ou descobridores?

O Brasil sempre foi alvo de curiosidade alienígena desde Luís XVI da França, até Czares, ou cientistas germânicos. Seja para descrever a fauna e a flora, seja para descrever nossos selvagens, seja para transpor sua simplicidade em ódio, como para fazer sua natureza jubilosa

em escravidão degradada. Degradada e degradante. Degredo na própria terra, asilo no próprio lar. Expulsos da imensidão de seu mundo aprenderam o acantonamento e o terror. E é uma certa história de terror que perpassa o silêncio dos discursos da nossa historiografia. E insistir no silêncio desse terror é cultivar a desmemória pondo sempre máscaras e mais máscaras. Enquanto isso, o arqueólogo tira as máscaras e analisa as camadas, pergunta pelo que está em baixo, aprofunda-se e pisa na superfície com os pés de bailarino para não destruir o passado. Borges já disse, literariamente, em algum lugar, que o Egito fica em cima do Egito, que por sua vez fica em cima de outro e mais outro. E é esse inconsciente, configurado geologicamente sob pedras e monumentos, aluviões e calcificações, que as mãos pioneiras do arqueólogo alcança. Ele toca no coração do passado e o intervalo de milênios, de milhares de anos, reduz-se à fração de segundos pelos quais o passado retorna como presente. As mãos atrevidas de suas buscas são a “durée” bergsoniana a fazer do passado um presente recriado. Voluptuosas, alcançaram o que havia de mais encoberto pelo sigilo poderoso do tempo.

A universidade não tem tido muita atenção com a nossa memória material, talvez os universitários prefiram o discurso do hermeneuta, aquele que faz adormecido nos livros. Habituo-nos a pensar como alfabetizados. Não obstante, é preciso fazer disso um certo escândalo, pois nosso povo só terá sua liberdade na hora que tiver de si alguma memória. Não cultivá-la pelo ressentimento ou pelo medo, mas pela volúpia de quem quer saber de si. As atividades de extensão têm, entre outras tarefas, a missão de dar voz aos silenciados, de chamar os degradados, de fazer emergir a ignorância universitária, devolvê-la a si com o rubor nas faces, de quem, pela vergonha, aprende a perguntar.

Por essas e outras, a UERJ, através da Sub-reitoria para Assuntos Comunitários, sente o orgulho dos desbravadores, em convivendo com arqueólogos e cientistas de várias procedências, realizar este conjunto de eventos com o Instituto de Arqueologia Brasileira, que demonstra desde há muito tempo o empenho e o alto nível epistemológico que cabe a tais problemas. Lembremo-nos aqui a insuperável atuação da Direção do Instituto de Ciências Humanas e seu corpo docente e discente que colaboraram e se dispuseram a copatrocinar tal empreitada. No mais, o calafrio de quem estupefato indaga (como Veyne) como seriam as leis em Roma sem senado? Como seria a literatura francesa do século XVIII sem academia? Pergunto: como ficarão os saberes de nosso tempo sem o reconhecimento e união da universidade? Eis o debate que ora praticamos: pisoteamos o passado ou bailamos sobre ele com leveza, para que assim se possa fazer emergir, das profundezas, as raízes de nossa vida?

